

Director: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua Dr. Avelino Germano, 62—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesse
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

A LEI "BASILAR,"

O seu aniversário no Internato Municipal de Guimarães—Neutralidade sim e neutralidade não—Abaixo a griseta—Um desfôrço de garoto.

Voltamos ainda hoje a esta tam falada questão e servirmo-nos do mesmo título e sub-títulos, não porque a pretendamos irritar, mas simplesmente porque precisamos de levantar uma luvá que nos foi arremessada, e levantámo-la com a altivez de sempre e com a energia que devemos ao nosso brio de fazedores desta folha, mesmo de couve, e ao nosso orgulho de bons vimaranenses, que nos presamos de ser.

Não venham dizer-nos as almas ingénuas e boas, com o seu arreigado feitio todo bairrista, que nós vamos de encontro aos interêsses desta boa terra e que estamos combatendo um estabelecimento que se torna necessário e que, com êsse combate, ficará assás abalado e não sabem se poderá sobreviver-lhe.

Não venham as almas cândidas servir-se dessa argumentação porque, se vierem, nós nos veremos forçados a responder-lhes, face a face, com palavras que há muito tempo nos escaldam o peito mas que nós temos tido a coragem e o sangue frio de soffrear para não ferirmos melindres nem susceptibilidades de quem quer que seja.

Nós não combatemos, nós nunca combateremos o Internato Municipal nem outro qualquer estabelecimento porque os estabelecimentos são, bons ou maus, segundo os homens que dêles fazem parte.

Os actos dos homens, êsses havemos de apreciá-los, criticá-los, censurá-los ou elogiá-los conforme a nossa consciência nos disser que o façamos, porque o *Lusitano* não foi feito para noticiar o casamento do sr. Fulano, a partida do sr. Cicrano ou os anos do sr. Beltrano.

O *Lusitano*—seja dito com toda a clareza—não é o produto duns desejos de ganância, duns ambiciosos que querem subir,

duns vaidosos que se querem mostrar, duns gameleiros à procura de empregos ou duns abandonados à cata de simpatias.

Nada disso.

Todos os que dispensamos um pouco do nosso amor e do nosso trabalho ao *Lusitano*, todos os que à volta dele nos juntamos para dele fazermos o que tem sido, já estamos plenamente satisfeitos, já subimos onde queríamos chegar, já nos mostramos suficientemente, já temos as nossas ocupações e as nossas simpatias, isto desde muito antes da fundação d'êste jornal.

O *Lusitano* veio a lume, devido aos nossos esforços, não há dúvida, em uma ocasião em que o terror assolava Guimarães, em que a metralha das bombas punha em sobresalto a pacata população desta cidade e em que meia dúzia de energúmenos, movidos pela lei imperiosa que lhes era ditada pelos estômagos vãos e insaciáveis, se empoleiraram em mandões de *isto tudo* e pretendiam trazer, debaixo do pé, homens infinitamente superiores a êles em tudo e por tudo e todo o povo, desde o mais estúpido ao mais sabedor e desde o mais pobre ao mais rico.

Era necessário que alguém, nessa ocasião crítica, levantasse a sua voz para protestar e nós, que nunca consentimos que um nosso inferior nos desrespeitasse, como nunca fomos nem seremos capazes de desrespeitar quem nos seja superior, nós, que não sendo coisa nenhuma, nunca pretendemos ser iguais ou superiores áqueles que são tudo e tudo valem, nós, os mais modestos e mais ínfimos habitantes desta tradicional e hospitaleira cidade, fundamos o *Lusitano* sómente para que houvesse alguém que protestasse, que levantasse a sua voz, que não consentisse que se espesi-

nhassem, cobardemente, insensatamente, criminosamente a honra, o brio, a dignidade e o prestígio do povo de Guimarães sem lançar em rôsto aos cobardes, aos insensatos, aos criminosos os seus péssimos actos.

O *Lusitano* não é, pois, um jornal de vénias, de cumprimentos ou de elogios pagos a tanto por linha ou a trôco duma assinatura.

O *Lusitano* é um jornal de combate que não vê, não ouve, nem conhece ninguém pessoalmente e apenas distingue os homens pelos actos que praticam e as coisas pelo que tenham de útil ou de prejudicial.

Assim rompeu pela pesadíssima atmosfera que nos asfixiava em Junho do ano passado, assim tem continuado, de face bem erguida, até hoje, e assim continuará sempre até ao fim, porque se circunstâncias poderosas o impedirem de continuar no caminho que traçou o *Lusitano* terminará, porque dentro dele todos somos susceptíveis de quebrar, perante a brutalidade da fôrça, mas o que não há aqui é quem se vergue, nem quem se venda.

Em face do que expellido fica, o *Lusitano* não podia ficar insensível aos factos ocorridos no Internato Municipal de Guimarães, porque isso seria desmentir o seu passado, seria negar o seu programa, seria trair a sua consciência e o interêsse que por êle, a cada passo, demonstram duma forma altamente honrosa os seus assinantes e leitores.

Seria, além disso, uma cobardia desde que correu mundo a galga de que a imprensa havia sido *arrolhada* para não falar no caso.

Eis a razão porque nós trouxemos a público a questão do Internato.

Mas nós não combatemos o Internato.

Nós até gostemos dele, como gostamos de todas

as coisas que dão alma e favorecem o desenvolvimento da nossa querida terra.

O que nós combatemos, e ninguém julgue que disso estamos arrependidos, foi o mau acto praticado pela comissão administrativa da Câmara Municipal mandando colocar em um estabelecimento de educação, embora de si dependente, luminárias comemorando o aniversário da cópia e adaptação da lei de Separação adoptada na França.

Nós não combatemos o pessoal do Internato, contra o qual nos não move qualquer antipatia; o que nós combatemos, o que nós censuramos e condenamos, e se mais veemente o não fizemos é porque o não pudemos ou não soubemos fazer, foi o acto altamente revoltante e profundamente mesquinho, a *revanche* ridícula de José Rocha correndo à capela, derrubando e partindo as velas, apagando as lâmpadas e não sabemos que mais.

Se o Internato viesse a soffrer qualquer abalo pelo facto de lá terem posto as luminárias não teríamos nós a mínima responsabilidade no caso.

Ah! Não, descancem.

A responsabilidade seria de quem as mandou lá colocar em manifesta ofensa dos estudantes que, meninos, moços ou homens, tem as suas crenças que ninguém, exerça o cargo que exercer e seja quem for, tem o direito de escarnecer, e de seus pais ou tutores de cujo dinheiro ninguém, seja a que título for, mesmo *biológicamente*, tem o direito de abusar.

A responsabilidade seria de quem, cobardemente, correu à capela e cometeu a infâmia de quebrar velas e apagar lâmpadas que mãos piedosas ali tinham colocado e acendido.

Para se justificar, não sabemos se o absurdo cometido pela Comissão da Câmara se o de José Rocha, diz-se que os rapazes acompanharam o *grisetício* com um «cachoar de vivas e de berros» e insinua-se que os prefeitos não souberam

ou não quiseram manter a disciplina e que José Rocha, com luvas pretas e tudo, obistou a maiores cometimentos da rapaziada... o qual, segundo as nossas informações, que reputamos muito seguras, teve de procurar refúgio pelas dependências do Internato.

E' que os rapazes estavam indignados, o que não é para admirar, e isto de indignação de 70 rapazes, mesmo que sejam *meninos*, não é coisa que se leve bem à valentona, e isso o pode testemunhar o presidente da comissão da Câmara que teve de limpar o fato de uns salpicosinhos de tinta de um tinteiro que andava em evoluções aéreas quando êle entrou com toda a sua autoridade presidencial.

Mas nós não queremos saber disso.

Não queremos saber se o director do Internato o dirige de Lisboa, onde tem assento na Câmara dos Deputados, porque isso é com a moralidade democrática.

Se os prefeitos cumpriram ou não o seu dever, a sua consciência e a sua dignidade o dirá, como é de esperar.

Nós é que não acusamos.

Mas fique bem exarado e bem compreendido o que aqui escrevemos.

Os rapazes, indignados com as luminárias na frontaria do estabelecimento, deram o grito de—abaixo a griseta—e deitaram-as abaixo.

José Rocha correu à capela, apagou as lâmpadas, quebrou as velas que estavam no altar da Virgem e não sabemos que mais.

Se os rapazes desacatarem a cópia e adaptação da lei de Separação usada em França, a comissão da Câmara tinha desacatado o direito que os rapazes têm a que lhe respeitem as suas crenças e a neutralidade em matéria religiosa que a lei manda observar em estabelecimentos de educação.

Desacato por desacto—se se contentam.

Mas o que não tem razão alguma de ser nem justificação possível é o vilíssimo acto de José Rocha apagando as lâmpadas

padas, quebrando as velas e não sabemos que mais.

E não se traga a público, para nos desmentir, a bondade das senhoras que vão à capela perante o altar da Virgem prestar o culto das suas rezas devotas, pondo-se lhes nas suas bocas — «que não! que não era isso verdade!».

Não façam isso.

Que as virtuosas senhoras encontrassem as lâmpadas da sua devoção como as deixaram, acesas, e não vissem velas algumas partidas, acreditamos porque bem sabemos como, com grêda ou com potassa, se tiram nodos de azeite; que qualquer pessoa, mesmo que use luvas pretas, sabe preparar e acender lâmpadas e que em qualquer parte se vendem velas, mas que elas dissessem «que não! que isso não era verdade!» não acreditamos porque as julgamos incapazes de mentir e nós bem sabemos quem, neste caso, como de resto em muitos outros, é capaz de falsear a verdade.

O caso de José Rocha é absolutamente verdadeiro, o «não sabemos que mais» é perfeitamente explicável e se quiserem nomes a comprovar isso tudo nós não temos dúvida alguma em os trazer a público.

E não julguem que as nossas informações se circunscvem a isto sómente.

Sabemos muito e muito mais.

Mas, se nos deixarem, ficaremos por aqui.

E' assim, pondo chagas a descoberto, escarpelizando factos que denotam os sentimentos e o critério de quem os pratica e respeitando a verdade em toda a linha, que se fazem folhas, embora de couve, mas de grande circulação.

Liberdade de consciência

Uma das maiores conquistas dos tempos modernos, segundo afirmam os liberais, é a liberdade de consciência. E por isso nós a vemos consignada em todas as constituições contemporâneas dos povos que se dizem mais adeantados.

Os nossos republicanos também não quiseram ficar atrás; e não só em diplomas legais, mas ainda em seus discursos nos pretendem fazer crer que admitem e respeitam essa garantia própria dum Estado verdadeiramente liberal.

No decreto da separação o primeiro artigo diz que «a república reconhece e garante a

plena liberdade de consciência a todos os cidadãos portugueses...» A constituição, no seu art. 3.º, n.º 4.º, afirma que «a liberdade de consciência e de crença é inviolável». E tanto o decreto da separação (art. 3.º) como a constituição (art. 3.º, n.º 6.º) dizem que «ninguém pode ser perseguido por motivo de religião». E todo o republicano que se julgue habilitado a escrever para um jornal ou a proferir em público um discurso, não se tem que não faça logo a afirmação bem categórica de que as novas instituições reconhecem e garantem plenamente a liberdade de consciência.

Isto é o que consta das leis e das palavras dos republicanos. Mas, na realidade, em Portugal haverá liberdade de consciência?

Há sim, mênos para os católicos. Estes não podem professar e praticar a sua religião, tal qual ela é; é-lhes reconhecida a liberdade sim, mas de professar o catolicismo afeiçoado e modificado segundo os caprichos estultos do sr. Afonso Costa.

Nem judeus nem protestantes, posto que os haja em Portugal, teem sido perseguidos no exercício do seu culto. Ainda não foi encerrado nenhum templo protestante, nem nenhuma sinagoga de judeus; e contudo algumas igrejas e capelas de católicos teem sido fechadas, e outras teem sido abominavelmente profanadas.

Sobre os católicos as autoridades administrativas e alguns caciques democráticos teem feito uma grande pressão para que elles constituam as associações culturais e por essa causa algumas teem sido constituídas. Pois não consta que se tenha constituído nem uma só associação cultural para os protestantes ou para os judeus; e ninguém faz pressão sobre elles para esse fim. E até o decreto da separação faz excepção para elles e para os fieis dos outros cultos. O artigo 18.º diz expressamente que «se o culto duma religião diferente da católica não for compatível com as corporações» moldadas segundo o referido decreto, os fieis desse culto podem constituir as suas associações culturais consoante o julgarem mais conveniente.

Os católicos, êsses é que se hão de submeter, queiram ou não queiram, a esse leito de Procusto aparelhado pelo mandatário da maçonaria.

O decreto, em termos insofismáveis, consigna a plena liberdade de consciência logo no seu frontespício, na sua fachada, para dar uma boa impressão aos que começam a lê-lo; mas a seguir vão aparecendo cerceamentos sobre cerceamentos a ponto que na prática aquela liberdade quasi fica aniquilada.

O decreto faz lembrar uma penitenciária com uma fachada de palácio. Por fora uma aparência de grandeza, de arte e de conforto, e por dentro uma realidade de prisão sombria, mofenta, arrepiante.

Como se podem harmonizar as pressões, perseguições e durezas, que os católicos estão sofrendo, com a plena liberdade religiosa que as leis lhe prometem? Se elles estão como que metidos numa tala em que mal podem respirar, não obstante a plena e inviolável liberdade que num pungentissimo sarcasmo dizem reconhecer-lhes, que seria dêles, se essa liberdade não fosse plena nem inviolável?

Que os católicos sejam postos sob uma dura escravidão, vá, se é essa a vontade dos nossos senhores; mas o que não podem nem devem sofrer, é que ainda por cima disso sejam sarcásticamente vilipendiados; é que, à medida que mais os esmagam como uma raça vil, cada vez os afrontam mais, atirando-lhes à cara, numa crueldade feroz, com falsas afirmações de liberdade.

Este suplício de Tântalo com que fria e calculadamente os estão atormentando, não revela só perversão de sentimentos, revela também instintos selvagens.

Que é ou que vale a liberdade de consciência, se cada um, no exercício e na prática da sua religião, fica numa completa dependência do poder civil e não pode dar aos seus sentimentos religiosos toda a expansão de que são susceptíveis? A garantia dessa liberdade não passa duma burla cínica, se não se estende a todos os actos exteriores com que se pode manifestar uma crença. Por isso é tempo de que cesse de correr essa repugnante mentira de que os católicos em Portugal gozam de liberdade. Não gozam tal. Como escravos é que elles são tratados para glória dos nossos governantes.

P. A.

Beijos de jumentude

(Capítulo V) — Misericórdia...

Pedindo misericórdia aos Srs. da Misericórdia

—Para o estado lastimavel em que se encontra a cornija da capela mór, lado da Epistola, da Igreja da Misericórdia.

—Porque, pelo mesmo motivo, já em o «Janeiro», o saudoso A. Infante chamou a atenção de quem competia, para que houvesse misericórdia para todos os fieis que assistissem aos officios divinos na Igreja da Misericórdia;

—E, porque, como succedeu no passado domingo, 27 de Abril, caiu mais um pedaço de cornija, que só por milagre da Virgem da Misericórdia não molestou ninguém, mas muito assustou uma piedosa Senhora que mais um pouco se demorara depois da missa das onzes horas;

—E para que não tornemos a *ladainha*, invocando a misericórdia dos Srs. da Misericórdia;

—Uma imediata vistoria seja feita à Igreja da Misericórdia, principiando-se pelo seu altar mór, de forma a evitar que a cornija não nos obrigue brevemente a rogar-mos pelas almas dos que ela mandar ao Céu a suplicar à Senhora da Misericórdia que toque os corações e abra os ouvi-

dos piedosos aos Srs. da Misericórdia.

E receberemos mercê.

—E pedimos ao Céu clemência e misericórdia para a alma consternadíssima do nosso General, que tanto soffreu com aquele *morticínio* da Feijoeira...

—E que Sua Excelência desista do seu pedido de demissão de Presidente da *Sociedade Protectora*...

—E que as *lacrimosas vivinhas* enxuguem as lágrimas, e mudem de ares e de defensores da *feminil fraqueza*... porque em Guimarães, apenas há uma Sociedade indifferente à sorte dos pobres animaizinhos...

E deixemo-nos de *retórica* e de sessões solenes!...

Paiolopes.

MOSTARDA...

O vira

Na rua da Rainha há um tasco, onde é costume juntarem-se umas creaturinhas que gastam o seu tempo com cantigas imorais e aos domingos veem para o meio da rua tocar viola e dançar o *vira*. Isto em pleno centro da cidade é soberbo, sómente soberbo.

E não há autoridade que chame a *capitulos* o dono do *estabelecimento*.

Não nos deveríamos admirar, pois também o *sór* Afonso esteve tocando *gaifona* na capital do país enquanto o *Tone Zé e maillo Camacho*, andaram cantando ao desafio pelas provincias e a dançarem o *ora agora viras tu*, etc...

Ai que reinação! O pior são os calos esmagados pela predial.

Zaragata

Dizem-nos que na Cruz da Argola houve, no domingo passado, grossa pancadaria entre militares e paisanos.

Segundo nos informam a desordem foi provocada pelo *elemento mantedor da ordem*.

Boa ordem mantida, não haja dúvida.

Como agora tudo mudou, é natural que também mudasse a forma de não provocar distúrbios.

O que foi pena foi não se encontrar no meio da dança S. I. 1.ª a ver se... ficaria tudo mais sossegado.

6 capitãozinho

No último número do *Trapo*, surge-nos o *celeberrimo* franquista empenachado das exéquias reais, com uma *griseta* na mão direita, à *laia* de espada, a comandar a *hoste aguerrida* das tijelinhinhas de cebo.

O homenzinho, coitado, todo engraixado com o *cebo radical* solenizador do 2.º aniversário da lei de... separação, pretende dirigir o ataque e a defeza das *luminárias municipais* e do grande prestimano das *luvas pretas*.

Nada arranja capitãozinho, porque as armas... são de barro, as balas... são de cebo e o comandante... é de papelão.

Um sópro de verdades depressa derruba a sua *hoste*, não lhe valendo a *tal tática*, aquela que tam hábilmente empregou para conquistar a reforma, e... radical capitãozinho, frente à retaguarda, marche! Tre laré, trê laré... trê laré... trê laré... trê laré...

A um leitor de Prazins

Chegou à redacção de *O Lusitano* a cartinha que fez o favor de lhe endereçar, mas temos a dizer-lhe que o jornal não é esquina.

Cá só se dá publicidade a escritos assinados; informações anónimas levam o caminho dos papéis velhos.

Um republicano

O sr. Perida, deputado provincial espanhol, republicano, ao deffrontar-se com Sua Majestade Afonso XIII quando o foi cumprimentar por ter ficado ileso do atentado de que ultimamente ia sendo vítima, não se conteve e exclamou:

—A coragem de Vossa Majestade converteu-me à monarquia!

—Sou cidadão. Cumpri o meu dever.

Em Espanha os republicanos felicitam o rei por escapar a um atentado e em Portugal são assassinados, glorificando-se os assassinos.

Lá os deputados republicanos convertem-se à monarquia, cá perseguem-se os monárquicos como se fôsem lobos.

Que contraste!

Guerra ao Padre

Entre vários sacerdotes castigados pelo ministro da justiça ultimamente conta-se também o rev. pároco de S. Miguel das Caldas, dêste concelho.

Vingou a perseguição acintosa que há tempos lhe vem sendo movida.

Continuem, que isto vai bonito.

Ao nosso amigo os nossos sentimentos e os mais ardentes desejos de que lhe não falte a coragem para suportar o destêrro em nome da *liberdade* e da *fraternidade* portuguesas.

Ares turvos

Andam por Lisboa os republicanos às turras.

Os acontecimentos que ultimamente se desenrolaram na capital são indício de que anda coisa no ar.

Agora não se trata de talassas, de reaccionários, nem de *jasuitas*.

Trata-se de republicanos autênticos e históricos do 28 de Janeiro e do 5 de Outubro, que são encerrados nas prisões.

As prevenções das forças públicas continuam e a vigilância é a mais rigorosa.

Que haverá?

Terá chegado o principio do fim do governo Afonso Costa?

Ou outro principio do fim mais tétrico e mais vergonhoso?

Lá que o céu está carregadissimo, parece-o.

Presos políticos

Pedem-nos os presos políticos pobres de Guimarães, que se encontram em Braga na prisão de S. Bernabé, os quais, depois de longos meses de encarceramento, foram ultimamente pronunciados, para lembrarmos à caridade dos nossos presados leitores e assinantes a sua aflição situação e a extrema miséria em que se encontram as suas famílias.

Não será em vão, decerto, o nosso apêlo em favor desses infelizes e com a melhor vontade lhes faremos chegar ás mãos o que, com esse fim, nos seja entregue.

Uma resolução nobre

A comissão municipal de Felgueiras, tendo escrupulo de cumprir a lei da secularização dos cemitérios, ofensiva das crenças do povo cujos interesses tinha a seu cargo, preferiu pedir a demissão a praticar o acto repugnante de secularizar os cemitérios dali.

Eis aqui um exemplo digno de imitar-se.

Os nossos Marianos que aprendam naquela lição de crença e república.

Prefiram os deliciosos champanhes—AVIADOR—FLOR DE LIZ—ELITE SPORT—RENÉ LUDÉ—FRANÇAIS BATAILE—e, bem assim, o excelente VINHO BRANCO GAZOSO, de LUCIEN BEISECKER, Anadia.

UNICA REPRESENTANTE NO MINHO

CASA BARBOSA

RUA DA REPÚBLICA

Encontram-se também nesta antiga e acreditada Casa todos os géneros de mercearia e confeitaria, garantindo-se a sua optima qualidade e procedência.

A LÉRIA

Lemos em um jornal:

Crónica da aldeia

Guimarães

Num estabelecimento situado no lugar mais concorrido cá da terra, é freqüente vêr e ouvir-se o elemento cavaqueador que ali se reúne saboreando esta ou aquela bebida e discutindo os acontecimentos da actualidade.

No meio d'este elemento é costume quasi sempre, muito principalmente aos domingos, apparecerem certas criaturinhas, umas figuras polidas com caras de vendidos, difamam o regimem e fazem côro com a malta reacionária.

Destaca-se entre estes uma, que pelas suas formas bombásticas, pelos seus gestos belicosos para querer subjugar tudo e todos com a sua voz imperiosa. O milagreiro santo António não logrou ser tam escutado pelos seus ouvintes, e a cratera do Vesúvio em plena erupção fica muito áquem da cratera desta criatura, que só vomita espuma, raiva e ódio. E' vê-lo rodeado dos seus acólitos, uivando furiosamente com a esperança nesse tam célebre dia de neveiro, como quem espera a presa para saciar a sua vingança.

Defensores do regimem da crápula, do roubo e da traição, não passam duns mentecaptos duns cobardes que nos momentos annunciados para a celebração das bodas de Beatriz ficam-se em casa com o rabo encolhido, não tendo a corágem precisa de assistirem ás mesmas.

E' pena que não tentem realisar desta vez as suas façanhas, porque então saberíamos mostrar á tal criatura, quanto o temos na mais subida estima e consideração!

Corja de farçantes! Que melhor fariam se tratassem de bombas... que é officio leve.

Patriota.

Aqui está um patriota tam cheio de patriotismo que está mesmo a pedir medalha de bons serviços.

Tambem parece que a redacção do jornal onde isto lemos o tomou de troça porque pregou com a prosa na crónica da aldeia, persuadida, decerto, de que só um montanhoso penhasco poderia produzir tam eloquente escrevedor.

Fala com cabeça o raio do homem, mas o que êle não diz é que o que se discute no tal estabelecimento são verdades como punhos e tam palpáveis e visíveis que nem o escrevedor nem outros que o freqüentam são capazes de contradizer.

São todos assim, estes jornalheiros duma figa.

Os homens conversam, discutem, verberam em voz alta, dão-lhes o direito da contradicção mas êles nada.

Depois vão para as colunas de jornais, cujas redacções teem a paciência de os aturar, e vomitam os maiores insultos que não são capazes de dizer de cara.

E' assim que consolidais o regimem?

Ora bolas!

CEMITERIO

Dizem-nos que vai ficar vago o lugar de administrador do cemitério pela saída do actual.

Já se indigita para aquele lugar certo individuo.

Não sabemos o que há de verdade, mas a ser certa a vaga e a indigitação, é caso para a gente rir, e rir a valer.

Vamos a ver o que sai.

Grandes festas de Junho em Amarante

Uma numerosa comissão composta de proprietários, negociantes e industriais deliberaram este ano promover com grande brilho e magnificência as tradicionais festas do S. Gonçalo, que se realizam no primeiro sabado e domingo de Junho (7 e 8).

Estas festas constarão de solemnidade religiosa e procissão, de iluminação brilhante, vistoso fogo, fornecido por pirotécnicos em concorrência, chuladas, músicas, arraial, barracas, embandeiramento, etc.

A todos os actos do culto, presidirá o reverendo pároco de S. Gonçalo, Ex.^{mo} sr. dr. Manuel Augusto de Andrade.

O respectivo programa completo será brevemente distribuido.

Tambem na quinta feira de *corpus Christi* sairá a tradicional procissão, em que figura a antiquíssima Serpe.

Concurso pirotécnico—Medalha

Os pirotécnicos de Viana do Castelo, srs. Manuel da Silva & Filhos, que nas últimas festas Gualterianas vieram a esta cidade queimar o seu vistoso fogo, acabam de ser galardoados com uma medalha de prata pelo variado e formoso fogo que apresentaram num certamen de pirotécnia realizado últimamente na vila de Terena (Alentejo).

A Juventude Católica

(Continuação)

João Aires Pinto de Figueiredo
José da Silva Guimarães
Eduardo de Paiva Macedo
Augusto Gomes Castro Ferreira da Cunha
Domingos Soares Barbosa de Oliveira
António Faria Martins
Joaquim de Azevedo Silva Leite Bastos
Sebastião Rodrigues
José Pereira de Faria
Aristeu Pereira
José de Souza Pinto
Manuel Martins Ribeiro da Silva
António Martins da Silva
Abílio Carneiro
José da Silva Oliveira Salgado
José Carneiro
João Ferreira
Padre Adrião Neves Saraiva
José Pinto da Rocha Júnior
António Pereira Guimarães
Joaquim da Silva Eugénio
Eduardo de Azevedo Machado
António de Almeida
Casimiro Martins Fernandes
Manuel Saraiva de Carvalho
Domingos Alves Machado
Armando Umberto Gonçalves
Alberto de Freitas Pimenta Machado
Jacinto da Silva
Rodrigo da Costa Carneiro
Eduardo da Silva Guimarães Júnior
Abílio Ribeiro da Costa
António Gonçalves

António José da Costa Ruivães
António Correia Júnior
António de Abreu Júnior
António Vieira de Andrade Guimarães
José Maria F. Pereira
Manuel José Loureiro
Manuel Joaquim Alves
Joaquim Teixeira
Dr. Fernando Gilberto Pereira
Padre Albino Lopes Cardoso
José da Silva Gonçalves
José Martins Fernandes
Manuel Mendes de Oliveira
Augusto Pinto Areias
António Pereira Campos
António F. de Melo Guimarães
António Alfredo Mendes de Abreu

(Continúa).

Subscritores

Luís Dias de Castro
Francisco Dias de Castro
D. Teresa Flora Ribeiro de Faria e Castro
Germano José Pinto de Carvalho
Américo Joaquim Rebelo
Joaquim Oliveira Carvalho
Manuel Machado
D. Maria de Oliveira Lopes Martins
José Francisco da Silva Réis
Anibal José Pereira
Manuel de Araujo Nobre
Manuel da Costa Carneiro
Domingos Pereira Guimarães
Dr. Henrique Cardoso Martins de Menezes
Luís Cardoso de Menezes
D. Maria Cândida dos Santos Martins
D. Laura Barbosa
D. Maria Guilhermina D. Rocha Guimarães

Continúa.

Missa do 30.º dia

Por alma do Dr. António Vieira de Andrade

Os filhos e noras do saudoso extinto Dr. António Vieira de Andrade, pedem a todas as pessoas das suas relações e das do finado, a fineza de assistir á missa que se realiza na próxima sexta-feira, 9 do corrente, pelas 11 horas da manhã, na igreja dos Santos Passos, o que desde já agradecemos muito reconhecidos.

Publicações

A mentalidade dos livres pensadores portugueses

Cartas a um livre pensador. Recebemos a XII e XIII.

Mala de mão

Perdeu-se uma, de senhora, entre o Passeio da Independência e a rua de Francisco Agra, na noite de 1 do corrente, que continha umas chaves que fazem grande falta.

A quem a encontrar pede-se o favor de a entregar na tipografia onde se imprime este jornal.

COMUNICADO

Apontamentos para uma sindicância, que se impõe, aos actos do sub-chefe dos impostos municipais

Como prometi, irei fornecendo aqui elementos para a história do sr. Agostinho Martins da Rocha na qualidade de sub-chefe da fiscalização dos impostos municipais desta cidade e concelho.

Há tempos um individuo da freguesia de Vila Nova das Infantas mandou a uns seus parentes de Urgeztes quatro presuntos, em dois sacos, por um carreiro que conduzia uma porção de ferro destinado ao sr. José de Magalhães, com oficina de ferreiro no lugar do Castanheiro, desta mesma freguesia.

Tendo o carreiro chegado ao seu destino e descarregado o ferro, pediu ao sr. Magalhães para guardar ali os presuntos, que os destinatários ali mandariam depois buscar, isto para se não demorar e voltar embora.

O sr. Magalhães, que não tinha na sua officina lugar apropriado para colocar os presuntos com a necessária limpeza, na sua boa fé e sem presumir que viesse a ser alguém incomodado, pois viu que os presuntos iam em transitio, disse ao carreiro que os collocasse na loja do prédio de seu sogro, que fica contiguo ao seu, o que o carreiro fez todo satisfeito.

Quando o carreiro acabou este serviço surgem o sub-chefe dos impostos, Agostinho Martins da Rocha, e alguns seus subordinados, e apreendem os presuntos como pertencentes ao dono do prédio em referencia e sogro do sr. Magalhães, sr. Manuel Teixeira, negociante de carnes verdes e salgadas, e não houve meio de os demover do seu propósito, apesar de estarem presentes o carreiro, que conduziu os presuntos, e o individuo a quem eram destinados, que pouco depois chegou, fazendo este vêr ao funcionario modelo que a carne lhe pertencia.

Isto é o que se chama *zêlo e actividade* de serviço, quando o sub-chefe entende pôr esse zelo e essa actividade em acção, não havendo razões que possam anteopor-se ás apreensões que êle arbitrariamente põe em prática.

Imagine-se que o sr. Manuel Teixeira só mais tarde é que soube que... lhe foram apreendidos quatro presuntos que não eram seus.

Esta questão segue os seus termos, não obstante o dono da carne ter pago a multa, que ao sr. Teixeira foi abusivamente imposta, pois aquele não se conformou, visto que a carne era para seu consumo particular.

Há uma coisa curiosa sobre a divisão desta multa, que foi de 10000 réis, mas isso ficará para quando chegarmos ao capítulo das *massas*.

Não comento. Só pergunto a quem me lê se o desgraçado cidadão deste concelho não é digno de melhor sorte e se não será preferível ir para Paio Pires a ter de haver-se com tal sub-chefe.

M.

Teatro Gil Vicente

CINEMATÓGRAFO

Hoje—Domingo, 4 de Maio de 1913—Hoje

2—SESSÕES—2

Às 8 e 9 e meia horas da noite

ESTREIAS

da interessante fita cómica

Mensagem da Lua

Os Três Pecados do Diabo

(colorida)

e a sensacional fita

A noiva do Laceiro

2 actos—com 1:000 metros

UM VERDADEIRO SUCESSO

PROGRAMAS

1.ª sessão às 8 horas

- 1—Sinfonia
- 2—Ilha Terceira (natural)
- 3—A Fortuna do Tio Paulo (cómica)
- 4—A Noiva do Laceiro 1.ª parte (drama)
- 5—A Noiva do Laceiro 2.ª parte (drama)
- 6—Os Três Pecados do Diabo (colorida)
- 7—Amor de Ciganos (drama)
- 8—Mensagem da Lua (cómica).

2.ª sessão às 9 e meia horas

- 1—Sinfonia
- 2—Corrida de Touros em Angra (natural)
- 3—Ele quer trabalhar mais (cómica)
- 4—A Noiva do Laceiro 1.ª parte (drama)
- 5—A Noiva do Laceiro 2.ª parte (drama)
- 6—Os Três Pecados do Diabo (colorida)
- 7—A falta de outra (drama)
- 8—Mensagem da Lua (cómica).

Venda de propriedade

Vende-se uma propriedade sita em Caneiros, junto á estrada, composta de três moradas de casas terreas e uma com um andar, todas servidas por um quintal com água de bica, ramadas, fruteiras e árvores de vinho.

Trata-se na rua 31 de Janeiro, n.º 27.

Análises de urinas, escarros,

pus, sangue, vinhos, vinagres, azeites, queijo e manteiga, etc.

Laboratório de análises, junto á farmácia Dias Machado

GUIMARÃES

NINHARIAS

POR

José de Azevedo e Menezes

Refutação documentada dos erros cometidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acerca dos Farias, de Barcelos.

A' venda na Papelaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha.

PREÇO 800 RS.

Interesses no Brasil

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática de advocacia em Portugal e no Brasil, advogado do Banco Aliança do Porto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a direitos e interesses de portugueses no Brasil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papéis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Porto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral,—rua da Fábrica, 78.

Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

FUNILEIRO

Manuel Ferreira da Costa

Faz e concerta toda e qualquer peça de obra pertencente à sua arte, tanto em fôlha, como zinco ou cobre.

Também se fazem gazómetros para acetilene, pulverizadores, caixões de chumbo para funerais, banheiras de todos os tamanhos e feitos, canações de agua ou gaz em tubo de chumbo ou galvanizado, assim como assentamento de retretes e suas pertenças. Tudo por preços módicos.

Rua de Francisco Agra, 31, 33.
GUIMARÃES

COMPANHIA DE SEGUROS A POPULAR

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

FUNDADA EM 1902

Capital autorizado Rs. 500:000\$000

Telefone n.º 2460 — Enderêço telegráfico: LARPOPU

Rua dos Bacalhoeiros, 125, 2.º

LISBOA

Correspondentes em Guimarães—PIMENTA & C.ª

Com estabelecimento de fazendas brancas, miudezas, etc.

24, Rua de Paio Galvão, 28

ATENÇÃO!

Só na Sapataria Académica à Rua Dr. Avelino Germano, 36 (antiga Rua de S. Paio) é que se encontra o calçado mais bem acabado, e por preços que ninguém ousa competir.

Garante-se a superior qualidade nos cabedais empregados nos calçados.

Trabalho, o mais perfeito, e preços muito mais económicos que em qualquer outra sapataria de Guimarães.

Uma encomenda pois, que será a prova mais cabal do quanto se afirma neste anúncio.

Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-externos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial prático. Alimentação abundante e bem cuidada. O resultado dos exames no presente ano lectivo foi de 50 APROVAÇÕES COM 3 DISTINÇÕES. Envia-se o programa a quem o pedir à direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, médico
Luís Gonzaga Pereira.

FOTOGRAFIA MODERNA

— Rua de S. Dámaso, 10 —

GUIMARÃES

Nesta acreditada fotografia executam-se com a maior presteza e máxima nitidez, todos os trabalhos fotográficos pelos mais modernos processos como sejam:

Retratos platina, sais de prata, etc.

Ampliações em todos os tamanhos até ao natural de qualquer fotografia por mais pequena que seja.

Retratos em porcelana, madeira e seda.

Admiráveis retratos reclame, a 400 réis a meia dúzia.

Belas miniaturas para medalhas, a 250 réis a meia dúzia.

Postais fotográficos, a 900 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis de 50 centímetros, a 1\$500 réis.

Esta fotografia possui um excelente material, o que há de mais aperfeiçoado, o que permite executar todo e qualquer trabalho e com a máxima perfeição, operando com todo o tempo.

Tomam-se encomendas fora do atelier sem aumento de preço.

Prefiram este atelier a qualquer outro, pois é o único com quem ninguém pode competir em preços e perfeição.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



MACHINAS SINGER PARA COSER
QUE VÃO DIRECTAMENTE
DAS
FABRICAS AO COMPRADOR
VENDA ANNUAL: 2.000.000 DE MACHINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM
JÁ NAS
MACHINAS
PARA COSER

SINGER

MAIS
APERFEIÇO-
AMENTOS
NEM
MECANISMO
MAIS
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO.

Avenida Candido dos Reis—GUIMARÃES

O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal, Ultramar e Espanha	
Sem estampilha.	Ano. 1\$200 rs.
	Semestre 600 "
Pelo correio	Ano. 1\$300 "
	Semestre 650 "
Trimestre	400 "
Estados U. do Brazil (ano)	1\$800 "
Países da União Postal	2\$400 "
Número avulso	30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adiantado)

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetições, por linha	20 "
Permanentes, contrato convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até	
5 linhas, cada um	100 "
Anunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.	

P. Luís DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMACULADA CONCEIÇÃO

pregado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opúsculo, precedido da narração do

interessante episódio que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.

Pelo correio 65 rs.

Pedidos à Tip Minerva Vimaranesa
R. Paio Galvão—Guimarães

O LUSITANO

I Ano

Publicação semanal de Guimarães

Num. 47

Ex.º Sr.